



João Roberto Kelly

Foi professor de Música durante 20 anos, na Escola de Música Villa-Lobos, é pianista, produtor musical e compositor de marchinhas de carnaval. Em sua lista de criação, tem mais de 200 marchinhas produzidas.

O que nós poderíamos aprender com as marchinhas de carnaval?

As marchinhas nos ensinam a ter alegria. Principalmente alegria, numa hora tão necessária em que os problemas assolam nosso país e deixam o nosso povo tão tristonho.

Da onde vem as inspirações para a criação das marchinhas? Elas são crônicas do cotidiano?

São sim. No meu caso, são crônicas do cotidiano. Eu costumo observar os costumes, como está a vida, algum fato interessante, tudo isso são retratos das minhas marchinhas. Por exemplo, quando começou a onda jovem, dos anos 60, os Beatles mudaram a cara da juventude, e o vestuário. Eu fiz a “Cabeleira do Zezé”, uma crônica que retratava os simpáticos jovens da minha época. Quando uma mulata venceu o Concurso Miss Brasil, em 1964, ela era uma criatura que fazia um desfile sofisticado, muito mais para “yê-yê-yê” do que para o samba. Daí a “Mulata Bossa Nova”, que caiu no “hully gully” (uma dança da época) e venceu um concurso importante. Portanto, são todas as observações que eu vou fazendo da vida.

Qual é o segredo do sucesso das marchinhas? E por que as mais famosas são as mais antigas?

O que eu posso dizer é que o segredo das marchinhas é que elas são concisas, curtas; você precisa dizer muita coisa em poucos versos. E ter uma melodia original, que não seja parecida com outras músicas. E as marchinhas as pessoas aprendem com facilidade, as crianças adoram. A marchinha, ou você faz com facilidade ou não faz nunca. Não há receita! As marchinhas antigas são geniais!

A maior alegria que eu tenho na vida, o maior troféu que eu ganhei – e olha que eu ganhei muitos –, é ver uma marchinha minha passando de geração em geração.